



MULHERES MAMUTES

Ayeska Borenstein Ariza¹

Orientadora: Prof. Dra. Marisa Martins Lambert²

Resumo

O texto narra a origem sensível e simbólica do processo criativo “Mulheres Mamutes”, inspirado por experiências durante a noite, meditação e parto. A autora articula essas vivências com pesquisas acadêmicas sobre silêncio, escuridão, imaginação subterrânea e gestos corporais ligados à sustentação e ao cuidado.

Palavras-Chave: Inclinação, Maternidade, Subterrâneo.

Do mergulho na noite profunda surge a primeira faísca (a princípio inconsciente) de “Mulheres Mamutes”. Da memória de um azul marinho já visualizado em meditações, ou no início de uma Sadhana Aquariana (prática de meditação coletiva do Kundalini Yoga) às 4h30 da manhã. Na madrugada, quando todas as criaturas estão com seus corpos em estado de silêncio e neutralidade, quando acontece a transição da noite para o dia e o céu atinge o ápice da escuridão noturna. Escrevo procurando alcançar a sensação desse fundo de céu, que contém a luz escondida em si, e tem também conexão com o centro da terra, onde encontra-se a intimidade de todos nós.

Esse azul marinho eu também visualizei na noite em que pari meu filho. Toquei essa cor, depois de um tempo que minha acupunturista e grande firmadora de processos naturais, Giselle Ross, olhando nos meus olhos, com tranquilidade e sem nenhuma

¹ Ayeska é mãe, artista e pesquisadora das artes do corpo. Cria especialmente danças e performances que partem da escuta do corpo e o tomam como matéria viva que busca apoio num movimento instintivo. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena/PPGAC, Instituto de Artes da Unicamp. aye22ariza@gmail.com

² Marisa é artista, professora e pesquisadora da dança. Professora Livre Docente do Departamento de Artes Corporais/DACO (área de estudos do corpo e expressividade) e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena/PPGAC, Instituto de Artes, Unicamp (Campinas, SP). marisaml@unicamp.br



pretensão, disse: “deixa de existir”. Deixar de existir acionou em mim um “um lugar entre saberes” (DURAND, 1996, p.215-227 apud ARAUJO e TEIXEIRA, 2010, p.7-13), que junto ao coquetel hormonal do trabalho de parto, me possibilitou entrar no imaginário subterrâneo da noite escura e lá sentir uma grande força. Talvez tenha me encontrado com alguma ancestral, ou com algum animal antigo, como o mamute, “as raízes fazem do solo e do mundo subterrâneo um espaço de comunicação espiritual” (COCCIA, p.79, 2018). O mundo subterrâneo e a imaginação tem permeado as novas investigações de minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, do Instituto de Artes da UNICAMP.

Retomando o momento que ouvi a frase “deixa de existir”, senti cada palavra entrando em meu corpo como um golpe suave, me serpenteando de cima para baixo. Ali, o corpo entendeu o que precisava ser feito. Minha cervical arqueou para trás como água que brota de uma fonte, num pequeno cambré, meus olhos clarearam, meu peito abriu, mostrando meu coração para quem vinha de cima, meu ventre desceu e aterrou, meu ego escorreu pelas pernas e o colo do útero começou a trabalhar com mais presença e vigor. Respirava profundo a cada contração. Me colocava de quatro apoios e inspirava, exalava vocalizando, ao passo que sentava nos calcanhares, aproximando a cabeça da pelve. Dobrava-me em mim mesma e lançava-me no espaço. Movimento oposto e complementar de expansão e contração. Procurava expirar abraçando meu bebê com minha musculatura interna, convidando ele para entrar de cabeça nesse mundo. E sangrava. Aos pouquinhos, saía de minha vulva sangue, líquido amniótico, e uma eu que nunca mais seria a mesma. O quarto um silêncio só. Silêncio esse que pode ser “nossa experiência de abertura para os mundos”³.

“Mulheres Mamutes” é um trabalho em estado de criação que busca uma aproximação com o silêncio, a noite e a escuridão, tendo como apoio os pensamentos acerca do livro “A terra e os devaneios do repouso” de Gaston Bachelard, a fim de evidenciar um tempo corporal expandido e um estado sensível de escuta. Além disso, o

³ Frase retirada de apresentação de powerpoint compartilhada em uma das aulas da Disciplina Laboratório de Criação II - Arte, Bruxaria e Imaginação, conduzidas pelas professoras Verônica Fabrini e Luísa Dalgallarrondo do PPGAC/UNICAMP.



trabalho se inspira nos movimentos que acontecem embaixo da terra, como a sustentação e a germinação, relacionando tais ações com o trabalho materno. Um corpo que se coloca de quatro apoios e busca uma corporalidade mamute propõe uma reflexão sobre o gesto de inclinar-se como símbolo político de cuidado, criação e alteridade.

Situado entre a verticalidade e a horizontalidade, o inclinar é entendido como uma abertura sensível ao outro. Tendo como referência a pesquisadora Victoria Pérez Royo e em especial as reflexões de seu livro “Cuerpos Fuera de Sí” (2022), esse trabalho pretende explorar o inclinar como mobilização do corpo e do olhar, rompendo com o estatismo e promovendo encontros criativos e políticos para sair de si.

Proponho estudar práticas que, a partir das geometrias posturais da verticalidade ou da horizontalidade, promovem em quem observa uma inclinação entendida como *mobilização*, como uma saída do seu estatismo e da autossuficiência de sua posição estável.⁴ (ROYO, 2022, p.23)

A maternidade é uma experiência radical de inclinação, de saída de si em direção ao cuidado do outro e para aprofundar essa perspectiva, trago contribuições de Lyla Boretz e seu artigo acerca da noção de inclinação de Adriana Cavarero:

A retidão, como ela (CAVARERO) a considera, é irrealista, pois não apenas deixa de levar em conta, mas adicionalmente vai contra a relacionalidade fundamental que molda nossa existência como seres humanos. As pessoas não nascem como agentes autossuficientes, mas sim como seres dependentes que moldam sua identidade e compreensão de si mesmas por meio da interação com os outros. Em outras palavras, é o movimento de inclinação que caracteriza nossa existência. Esse conceito de inclinação é a própria premissa sobre a qual Cavarero constrói e defende a ontologia mãe-bebê. (BORETZ, 2025, p.3)

⁴ Tradução da autora a partir do original em espanhol



1 - Apresentação de processo “Mulheres Mamutes” durante o Seminário Mario Santana 2025

Fonte: Acervo Pessoal, 2025



Essa criação foi apresentada cenicamente pela primeira vez durante o XI Seminário Interno de Pesquisas Mario Santana - saberes em rede: interconexão, permanência e divulgação científica, realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no período de 08 a 10 de setembro de 2025. E não só começou a despontar a partir do mergulho na noite profunda, mas também do exercício imaginativo “não tenho nada”⁵, que consistia em imaginar uma obra de arte que se desejasse muito fazer, e que essa imaginação não se prendesse a limitações da nossa realidade, ou seja, uma obra criada que não precisasse responder às condições financeiras, leis da física ou qualquer condição limitante de alguma forma. Compartilho o que imaginei:

“Mulheres Mamutes é um trabalho criado para ser visitado e habitado como um caminho feito pelo próprio espectador. O trabalho consiste em um grupo de 100 mulheres mães pesquisadoras do corpo e do movimento, que habitam uma gruta e contam a história do mundo através da dança. Essas mulheres também podem se transformar em mamutes a qualquer momento. O público pode caminhar livremente pelos cantos da gruta e permanecer no espaço por 15 minutos ou 15 anos. Cada espaço tem sua luz e trilha específica e criada pelo grupo ou indivíduo que ali está. As mulheres podem sair da gruta sempre que necessário. Fazemos um rodízio para que todas possam ter suas vidas fora e dentro da gruta.”

Assim, “Mulheres Mamutes” se configura como um campo de criação que brota da noite profunda, daquilo que pulsa subterraneamente e sustenta a vida, convocando corpo, memória e imaginação para um gesto radical de escuta. O percurso entre a escuridão primordial, o parto e as práticas que investigam o inclinar revelam um corpo que se transforma ao evidenciar cuidado como escuta sensível do mundo e força política.

⁵ Exercício proposto pela professora e artista Luisa Dalgarrondo durante a Disciplina Laboratório de Criação II - Disciplina Laboratório de Criação II - Arte, Bruxaria e Imaginação, conduzidas pelas professoras Verônica Fabrini e Luísa Dalgarrondo do PPGAC/UNICAMP.



A imaginação da gruta habitada por mulheres-mamutes expande essa pesquisa para além do possível, afirmando a potência de mundos que podem ser sonhados antes de existirem. Aqui também a vida e obra da arqueóloga e antropóloga lituano-americana Marija Gimbutas se inspira. Conhecida por suas pesquisas sobre as culturas neolíticas da Europa e pela teoria da “Velha Europa”, centrada em sociedades pacíficas e matrifocais. Sua obra destacou a simbologia feminina e as divindades da fertilidade, influenciando profundamente estudos sobre arqueomitolgia e culturas pré-patriarcais.

Ao permitir que a escuridão seja não ausência, mas origem, o trabalho inspira modos de criação em que o silêncio deixa de ser vazio e torna-se território fértil para gestar novos gestos, presenças e relações. É nesse ambiente de recolhimento e força subterrânea que o corpo criador encontra sua própria potência germinativa — uma potência que brota lentamente, como raízes que se comunicam, estabelecendo redes invisíveis de afeto, saber e resistência.

A inclinação, tomada aqui como fundamento ontológico e experiência radical da maternidade, reposiciona o corpo não na lógica da rigidez, mas na ética da abertura, daquilo que se curva para acolher, escutar e sustentar. Esse gesto, que desloca a verticalidade autossuficiente, também reposiciona a criação artística em direção ao encontro e ao cuidado mútuo. Assim, “Mulheres Mamutes” convoca uma estética e uma política da interdependência, onde a imaginação torna-se também prática de mundo.

Nesse entrelaçar de matéria, mito e experiência, a obra abre espaço para outros modos de estar no tempo, de tocar o silêncio e de se deixar mover pelo que germina debaixo da terra. E é justamente nesse terreno fértil — onde a criação encontra o repouso, onde o gesto encontra o outro — que “Mulheres Mamutes” continua a emergir: como caminho, como corpo coletivo e como convite para habitar as profundezas que nos constituem e nos transformam.



Referências

ARAÚJO, A. F., & TEIXEIRA, M. C. S. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. *Letras De Hoje*, 44(4), 2010. Recuperado de [Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário | Letras de Hoje](#)

COCCIA, Emanuele. *A Vida das Plantas*, Uma metafísica da Mistura. Ed. Cultura e Barbárie, 2018.

PÉREZ ROYO, Victoria. *Cuerpos Fuera de Sí*. 1ª ed. Córdoba: DocumentA / Escénicas Ediciones, 2022.

BORETZ, Lyla. *The Mother-Infant Relation as an Ontology of Inclination* - An Evaluation of Adriana Cavarero's Framework.